



BANDIDOS SOCIAIS: APONTAMENTOS SOBRE O CANGAÇO NORDESTINO E O MESSIANISMO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

SOCIAL BANDITHS: NOTES ON THE NORDESTINE CANGAÇO AND THE MESSIANISM OF ANTÔNIO CONSELHEIRO

LIMA, Moisés Batista da Cruz¹

RESUMO

Este trabalho realizou um estudo sobre o banditismo de uma perspectiva global e regional a partir de fontes bibliográficas. O objetivo proposto foi verificar as obras dos historiadores Eric Hobsbawn (2010), Rui Facó (2009) e Boris Fausto (1995) e trazer a dimensão do ponto de vista social, antropológico, político, econômico e cultural da historicidade do Brasil no cangaço em especial. A pesquisa investigou nas literaturas o banditismo e condicionantes rurais para compreensão pormenorizada desse contexto. Os resultados obtidos mostram que o fenômeno do banditismo deve ser compreendido e analisado de forma mais profunda, onde o espaço de coerção foi analisado tanto do cangaceiro quanto do latifundiário ou coronel. Com base nos estudos levantados o banditismo é de certa forma um meio inserido na sociedade e que no meio social é de fato um acontecimento histórico que trazem consequências marcante na sociedade em que vivemos.

Palavras-chave: Banditismo. Coronelismo. Latifúndio.

ABSTRACT

This work carried out a study on banditry from a global and regional perspective based on bibliographic sources. The proposed objective was to verify the works of the historians Eric Hobsbawn (2010), Rui Facó (2009) and Boris Fausto (1995) and to bring the dimension of the social, anthropological, political, economic and cultural point of view of the historicity of Brazil in the cangaço in Special. The research investigated banditry and rural constraints in the literature for a detailed understanding of this context. The results obtained show that the phenomenon of banditry must be understood and analyzed in a deeper way, where the space of coercion was analyzed both for the cangaceiro and for the landowner or colonel. Based on the studies raised, banditry is in a way inserted in society and that in the social environment is in fact a historical event that brings remarkable consequences in the society in which we live.

Keywords: Banditry. coronelismo. Latifundium.

¹ Graduado em Licenciatura em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde e Pós graduando em História das Religiões da FASOUZA Email: moseartdesigner@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Entende-se bem que para abordar sobre bandidos e sua historicidade devemos olhar criticamente sobre a temática de estudo e saber que esse significado histórico do banditismo nas sociedades em determinado tempo da história desafia paralelamente a ordem, econômica, social e política ao desafiar os que tem ou aspiram ao poder, a lei e o controle dos recursos.

O banditismo em si para ser compreendido, deve-se como começamos nessa introdução a pesquisar e entender que esse comportamento de rebelião contra as forças de poder, a lei e o controle dos recursos não foi somente a única forma de banditismo existente, houveram muitas outras interpretações que abordam essas facetas como exemplo em sociedades sem Estado, onde a “lei” dentro desse espaço assume formas de “rixas de sangue”, onde aqueles que matam não são proscritos, e assim por dizer, assassinos por natureza ou beligerantes.

O importante aqui, é que também o que determinava o banditismo estaria ligado a períodos de intempéries da própria natureza agrária, ou de latifúndios de subsistência, onde podemos analisar que o ritmo da fome estaria estabelecido devido a essas fatais eventualidades climáticas onde a seca em característica o sertão nordestino que começa com a mortífera seca de 1877-1878 e que alcança o seu pico máximo com a de 1919 trariam para essas regiões um lugar com propensão a se estabelecerem a bandidagem devido escassez de alimento, onde pela lógica não havia muito o que se fazer nesses locais, onde o trabalho era escasso e para se obter recursos alguns se debandavam para começar a temporada dos roubos.

Para o trabalho de pesquisa algumas perguntas nos parecem importantes e instigantes que nos atormentam e nos incomodam sobre esse movimento coletivo ou grupal (no caso o cangaço como suas diversas expressões). Como o banditismo seria interpretado em suas formas de atuação sobre as sociedades no contexto mundial e seu contexto regional, dando mais ênfase ao cangaço no Nordeste brasileiro? Tinha de fato um contexto político social de cunho rebelde do ponto de vista de

enfrentamento político para conquistarem os poderes constituídos, do Governo e do Estado?

Para tanto, dividiu-se a reflexão destes apontamentos em três momentos distribuídos em três tópicos distintos, porém complementares: onde partiremos de uma análise em que o banditismo em sua perspectiva social, como se dá o título do trabalho, seria entender que quando falamos de sociabilidade do ponto de vista social, não estaria ligado o cangaço como homens que seriam sociáveis, mas que de alguma forma estariam inseridos no contexto dos meios sociais, sendo que e em determinados acontecimentos estariam inseridos como processos de apadrinhamento com o meio, proteção e subsídios para sua própria alimentação e proteção (coiteiros), vendo que essa sociabilidade deve ser entendida desse modo e não o contrário.

Trabalharemos sobre dois historiadores que falam sobre essa temática de banditismo e luta de classes, e um historiador que fala de condicionantes da formação da história do Brasil no processo da Colônia, Império e Início da República. Essa análise da problemática pelo banditismo estaria voltada em compreender o tripé em que o historiador Eric Hobsbawm (2010) interpreta sobre o banditismo como fenômeno social, essas formas de fenômeno ela tem suas especificidades e veremos pontos diferentes de proposições acerca do tema, para o historiador em suas abordagens sobre o banditismo.

Como abordaremos condicionantes da história do Brasil, para Boris Fausto (1999) o campesinato é um grupo explorado e que remonta essa exploração desde os tempos coloniais, o índio e o negro inserido nesse contexto, no sentido de que é um grupo social que produz bens agrícolas apropriados por um outro grupo através do exercício do poder, e onde abordaremos essas proposições sobre o controle coercitivo no espaço rural, e Rui Facó (2009) trazendo também uma análise da luta de classes e da presença massacrante do monopólio da posse da terra contra o qual o povo pobre encontrou formas múltiplas de resistência e se rebelou, alguns aderindo ao messianismo e outros o cangaço.

Enfim, a finalidade desse trabalho de pesquisa é trazer apontamentos sobre esse mundo dos bandidos sociais, compreender como aconteceu essas relações de luta de classes numa perspectiva marxista entre esses espaços de poder nas sociedades com classes e Estado, suas desigualdades sociais e trazer um maior aprofundamento de como essa parte sociológica de entender tanto as estruturas de poder e aqueles que se rebelaram contra o *status – quo* e como atuaram nesse período do século XIX para o século XX, em especial o cangaço nordestino.

2. A ORDEM ECONÔMICA, SOCIAL E POLÍTICA E O BANDITISMO COMO DESAFIADOR DA ORDEM EXISTENTE NO MUNDO E SUAS INTERPRETAÇÕES HISTÓRICAS

A realização dos acontecimentos que foram retratados através da história do banditismo em suas manifestações culturais, políticas, sociais e econômicas, veremos a complexidade que se dá aos fatos e acontecimentos que através da história o encontro daqueles que resistem ao poder e se rebelam contra a ordem existente, é um assunto a ser tratado com cautela e buscar pormenorizadamente entender essas relações e assim compreender a fundo toda essa estruturação na sociedade e retratar as perspectivas existentes no cenário mundial e sua historicidade.

O banditismo em sua essência traz um conceito que segundo Hobsbawn em sua visão de mundo ao estudo da história, vários aspectos do pensamento marxista, em que Marx afirma que o conceito de “crime” deve ser definido como “a luta do indivíduo isolado contra as relações dominantes”. Seguindo essa linha de análise, segundo algumas teorizações historiográficas iremos demonstrar essas ideias e relatar como seria essa relação do banditismo e as esferas de poder em suas interpretações e como seriam suas causas e efeitos.

Eric Hobsbawn deixa muito claro isso em sua obra “Bandidos” e vê essa causa como um fator que através da estrutura social o banditismo estaria sendo uma condicionante desse tecido e assim querer saber compreender como se dá o processo dessa rebelião contra a ordem existente.

Segundo Hobsbawn:

Assim, o banditismo desafia simultaneamente a ordem econômica, a social e a política, ao desafiar os que têm ou aspiram a ter o poder, a lei e o controle dos recursos. Esse é o significado histórico do banditismo nas sociedades com divisões de classe e Estados. O “banditismo social”, o tema deste livro, é um aspecto desse desafio (HOBSEBORN, 2010, p. 18).

Um dos fatores associados a essa rebelião seria que uma parcela desses indivíduos que se rebelam contra o sistema existente, estaria relacionada a condicionantes de dominação de um trabalho imposto a uma sociedade, e como é um espaço de dominação ao meio, aqueles que muitas das vezes não tem instrução de como se sobressair em meio as suas dificuldades de subsistência ficariam a

mercê desses senhores e assim se sentiriam sempre inferiores aos seus senhores, e vendo que sempre serão na classe a base dessa economia, sempre olharão para os que estão acima como superiores e se sentirão inferiores, e compreender esse sentimento do que está abaixo é muito importante para compreender que quando essa sociedade se rebela seria por esse estado de querer estar no lugar do patrão, a ambição ela prevalece tanto aqueles que aspiram ao poder, quanto aqueles que já estão lá, então nesse jogo vemos que o ser humano em si ele não é perfeito, ele é ambicioso, perspicaz, sagaz, tanto de um lado como o de outro, assim o que está em baixo dessa cadeia ele poderá subir fazendo relações com esses senhores e alcançarem níveis maiores na hierarquia, mas terão que se vender, se aliançarem, mas se quiserem ser maiores que seus patrões irão abandonar o ofício e cair no banditismo roubando e aspirando também ao poder.

Hobsbawn caracteriza essa estrutura dessa maneira:

Desde o surgimento da agricultura, da metalurgia, das cidades e da escrita (por exemplo, da burocracia) os camponeses viveram, em geral, em sociedades nas quais veem a si próprios como um grupo coletivo separado e inferior ao grupo dos ricos e poderosos, embora seja frequente que, individualmente, seus membros dependam de um ou outro deles. O ressentimento está implícito nessa relação (HOBSEBORN, 2010, p. 19).

Esse ressentimento é o que pautamos antes da referência, o espaço rural onde os camponeses dariam sua força de trabalho por tão pouco ficariam revoltosos por estarem abaixo dessa estratificação social e esses sentimentos de serem

submissos dentro de sua subjetividade o fariam se rebelar, sendo que não são todos que teriam essa coragem, mas em uma parcela teria essa ousadia e se rebelar contra o sistema.

Nessa problemática o importante na base desse estudo é discutir e vermos que dentro dessa estrutura de sociedade quem é o bandido, quem é o opressor e o oprimido? São questões que nos fazem refletir e vermos que dentro das sociedades os processos de dominação elas agem também no campo psicológico das pessoas em suas subjetividades, onde o banditismo pode estar de um lado como de outro tanto nos poderosos quanto aos marginalizados.

3. O BANDITISMO SOCIAL E SUAS FACES DIANTE A SOCIEDADE, O QUE É?

O que seria o Banditismo na sociedade? Como vimos no tópico anterior a esse capítulo, abordar o bandido social é compreender que o banditismo ele nasce através de uma estrutura já existente, que é este estado de poder, no livro “Bandidos” vemos vários exemplos em todas as partes do mundo onde existiu o banditismo e que até hoje existe esse tipo de rebeldia, e que mostraremos através de um tripé desse conceito.

A compreensão se dá quando percebemos que através das referências bibliográficas chegamos a raciocinar esse tecido social e que muitas das vezes, o banditismo ele cresce devido o Estado não conseguir resolver essa demanda econômica, política, social de trazer estabilidade que reflete na sociedade camponesa. E dentro dessas interpretações que fazemos há uma deficiência sim em organizar uma sociedade, mas há outras visões e perspectivas no mundo sobre essa temática e compreender essa visão de cada indivíduo na sociedade e sua rebeldia contra o Estado, neste caso o bandido social.

Para o historiador Eric Hobsbawn, o bandido social na primeira perspectiva seria relacionado a vingança de sangue, onde uma família se rebela contra outra por motivos pessoais, vemos aqui ser por uma questão de honra familiar, muitas das vezes por brigas territoriais, relacionada também a posse de terras. Em uma segunda

perspectiva é o banditismo puro e simples, o bandido que rouba para sua subsistência, em sociedades onde há poucas oportunidades de vida decente para todos. E em terceiro seria o que se chamaria de banditismo social, quando a atitude desses rebeldes é através do roubo realizar um tipo de protesto contra o Estado, nem sempre consciente, às injustiças, às desigualdades e hierarquias da sociedade, é o “roubar dos ricos para dar aos pobres”. Como veremos, nas histórias dos bandidos, os três elementos estão presentes.

Como falamos de banditismo na sociedade, através da análise vemos que no espaço rural é onde mais se agrava esse problema sócio econômico, devido as intempéries da própria natureza, onde há escassez de alimentos. Na pesquisa bibliográfica vemos essas questões e achamos respostas para essas perguntas que nos afligem para descobrir como o banditismo surge nas sociedades e como elas são condicionadas através dessas deficiências sociais.

Hobsbawn enfatiza que:

A fonte básica de bandidos, e talvez a mais importante, se encontra naquelas formas de economia ou de ambiente rural onde a procura de mão de obra é relativamente pequena, ou que são demasiado pobres para empregar todos os seus homens aptos; em outras palavras, na população rural excedente. As economias pastoris e as áreas de montanhas e solo pobre, duas coisas que geralmente andam juntas, proporcionam um excedente permanente dessa espécie, que tende a criar suas soluções institucionalizadas nas sociedades tradicionais: emigração sazonal (como nos Alpes ou nas cordilheiras Cabílias, na Argélia), o alistamento militar (como na Suíça, Albânia, Córsega e Nepal), o roubo ou banditismo. O “minifundismo” (preponderância de propriedades demasiado pequenas para manter uma família) pode ter o mesmo efeito (HOBSBAWN, 2010, p. 41).

Nessas relações de banditismo na sociedade vemos a complexidade do assunto, os camponeses e o espaço rural há uma análise em que na juventude é uma fase que impera a independência e de rebelião em potencial. O espírito jovem em seus grupos formais ou informais da mesma idade, os jovens sem os compromissos, podem perambular por aí de emprego a emprego, entrar em brigas e viver errante pelo mundo sem preocupações como família e compromissos do cotidiano, podem cair nessas tentações e virarem bandidos em potencial. Os szégeny légeny (“rapazes

pobres”) das planícies húngaras representavam um exemplo desses bandidos em embrião, inofensivos quando sós, embora não avessos a furtar um ou dois cavalos, passavam facilmente ao banditismo quando unidos em bandos de vinte ou trinta, com um esconderijo inacessível, segundo Hobsbawn.

Em várias perspectivas vemos o banditismo ser representado no mundo na história da humanidade, e é o que devemos apresentar, e que esse fenômeno ele nunca será extinto se as sociedades não forem mais solidárias, resolver a questão do banditismo não é uma questão somente de compreender o bandido, mas como e porque o bandido se rebela, seja ele jovem ou adulto, o que vale salientar é discutir essas questões e achar respostas para compreender esse fenômeno e assim refletir sobre a sociedade e tentar amenizar essas desigualdades sociais.

O que importa é entender o banditismo e saber que esse bandido de começo era muito jovem, segundo Hobsbawn, quase todos no começo na idade dos 15 aos 30 anos, aqui no Brasil vimos Lampião, o famoso cangaceiro do Nordeste brasileiro, começou sua carreira entre 17 e 20 anos; e o verdadeiro Don José, personagem de Carmen, com 18. O prognóstico médio de vida dos chefes de quadrilhas de bandidos na Manchúria, na década de 1920, era de 25-26 anos.

Resumidamente trouxemos alguns exemplos aqui sobre o banditismo nas sociedades e essas relações, onde trouxemos pontos de compreensão até mesmo em um contexto das características pessoais para compreensão da rebelião as ordens existentes.

4. ECONOMIA, O MONOPÓLIO DA TERRA E AS CAPITANIAS NA COLÔNIA

Entende-se que para compreendermos o banditismo no Brasil e a relação com o cangaço, devemos passar por algumas análises da historicidade desde o descobrimento do Brasil, fatos e acontecimentos que nos fazem esclarecer alguns pontos que podem trazer respostas ao que aconteceu no final do século XIX com o advento do cangaço.

O que se atribui a esse estudo é que com a chegada dos portugueses aqui no Brasil, os europeus viam a terra no período pré-colonial como o extrativismo de pau-brasil uma fonte de comércio mercantilista que vai de 1500 até 1530, e que depois de 1530 a Coroa Portuguesa optou por introduzir em seus domínios americanos o açúcar, produto no qual foi muito valorizado na Europa. Nesse período de 1530 em diante houve a fixação de colonos nas terras brasileiras, onde os donatários poderiam explorar economicamente as terras do novo continente, com seus próprios recursos, desde que pagassem à Coroa parte dos lucros obtidos.

Onde em 1534 Portugal dividiu sua colônia americana em 15 extensas faixas de terra, denominadas de capitanias hereditárias e foram doadas a 12 donatários. Como o controle sobre os indígenas foi massacrante e depois com o tráfico de escravos negros no século XVI, vemos o processo de patrimonialismo ser implementado e ver que a América não seria mais a mesma, com o patrimonialismo um fator importante sobre exploração foi a entrega de terras, cargos, títulos e rendas, sempre com recursos do Estado para os senhores de terra. Vemos aqui uma espécie de bandidagem, onde o poder do Estado de uma nação como Portugal, domina outro território, invade, tenta fazer relações e domina a terra e o território. Seria esses também bandidos?

O processo da colônia portuguesa se estabelecer aqui no Brasil com certeza foi um processo de criminalização contra os indígenas, os indígenas e negros irem contra essa ordem existente seria um crime contra a Coroa, vejamos que o criminoso é em sua origem um reagente,

ele pode ser de grande porte para a sociedade, quanto de pequeno porte, aqui vemos a “classe dominante” em seus problemas éticos e morais implícitos e que por ela pode se justificar pelo crime que comete em qualquer transgressão possível em suas invasões territoriais.

Uma questão aqui muito interessante é a relação dos portugueses com os indígenas e negros, pela estratificação social vemos os negros e os indígenas sempre como a base do sistema colonial, onde houveram muitas revoltas de índios e negros

que acabaram sendo dizimados, os índios sendo pertencentes da terra foram enganados pelos portugueses e saqueados de forma sutil, pela ignorância e inocência da maioria.

Boris Fausto relata que:

Admitidas as várias formas de resistência, não podemos deixar de reconhecer que, pelo menos até as últimas décadas do século XIX, os escravos africanos ou afro-brasileiros não tiveram condições de desorganizar o trabalho compulsório. Bem ou mal, viram-se obrigados a se adaptar a ele. Dentre os vários fatores que limitaram as possibilidades de rebeldia coletiva, lembremos que, ao contrário dos índios, os negros eram desenraizados de seu meio, separados arbitrariamente, lançados em levas sucessivas em território estranho (FAUSTO, 1995, p.52).

Nessa perspectiva vemos que a rebelião dentro desse espaço seja ele Estado, Colônia, Região, Território, e o elemento negro, índio e português aqui no Brasil é o que tentamos estudar e compreender quem é o mocinho ou o bandido da história nesse contexto de processo de colônia.

De onde veio a rebeldia dos grupos indígenas de resistência e depois o quilombo? Não seria da opressão que passaram esses povos? Quantas insurreições aconteceram antes do movimento do cangaço eclodir no Nordeste brasileiro no período colonial, império e república?

Então vemos aqui que o crime, o bandido, o mal feito não começaria a estar ligado ao mais fraco, mas sim aqueles que tem o poder, e o que explicamos aqui através da história o que vem desencadear a ação e reação, onde Portugal se estabelece como poder de Estado sobre uma Colônia, e através dos tempos vemos uma população revoltada sempre se rebelar contra a Coroa, que através da legitimidade de seu poderio, avança contra a população e a dizima, através do instrumento de poder. Isso não seria um crime tanto o quanto um roubo de galinhas?

Fica aqui essa reflexão sobre esse tópico na concepção do espaço colonial e o domínio português sobre os indígenas que estavam aqui em seu habitat e os negros vindos dos navios negreiros obrigados a saírem da sua terra natal, e perdendo sua

identidade, sua liberdade e sua alma por bandidos que através de uma capa de poder se escondem em suas sujidades sem que suas maldades pareçam ser desleais aos olhos do mundo. O ponto aqui é compreender que o Estado também é um transgressor da lei que ele impõe ao mais fraco. A carapuça cabe sobre a sua cabeça, mas o mesmo não quer usá-la.

5. IMPÉRIO, SEUS REMANESCENTES FEUDAIS E O ATRASO ECONÔMICO NO SÉCULO XIX

Com o advento da Monarquia ser estabelecida no Brasil, vimos que em meio a instabilidade política onde resumidamente iremos abordar esse tópico, a Independência do Brasil não foi tão independente assim, onde sabemos que o Brasil se livrou de Portugal, mas se endividou com a Inglaterra.

O período do século XIX foi muito conturbado com questões sobre os rumos que o Brasil ia tomar e onde foi criada a construção do Estado Nacional Brasileiro, que em 1815 a união do Reino de Portugal, Brasil e Algarves e depois a Independência em 07 de setembro de 1822.

D. Pedro I com seu autoritarismo foi condenado por diversos grupos sociais, provocando revoltas em várias províncias, o poder centralizador do imperador desencadeou o surgimento de projetos contrários à Coroa.

Vemos aqui antes do cangaço se estabelecer no século XIX acontecer muitas lutas de emancipação eclodirem no Brasil, a Revolução Pernambucana de 1817, a Confederação do Equador em 1824 e A Guerra da Cisplatina em 1828, D. Pedro I perde popularidade e abdica ao trono, vem o período regencial, e mais insurreições como A Cabanagem de 1835 a 1840, A Balaiada de 1838 a 1841, Revolta dos Papaméis de 1832 a 1834, A Sabinada de 1837 a 1838, A Insurreição Malê de 1835 e A Farroupilha de 1835 a 1845.

Sobre esse tópico o que vale salientar que toda essa estrutura de poder, administração política, social e econômica da Monarquia não fez cessar os rumores da população desassistida, isso é importante contactar nesse texto, pois todas essas

rebeliões que aconteceram no Brasil foram atos de resistência, onde todos esses envolvidos estariam relacionados a desobedecer a Coroa e desobedecendo a Coroa com certeza todos esses insurgentes seriam criminosos.

Todos atos de rebeldia que se implantou no Brasil era porque a Coroa não estava conseguindo apaziguar as mazelas que o próprio reinado não conseguia resolver, como dar melhores condições de vida a população desassistida, essa população se revolta e em alguns eventos que ocorreram no Brasil vemos o crime ser feito por aqueles que estão abaixo na estratificação social, homens tomaram cidades nas insurreições propostas acima no texto, se tomaram cidades são criminosos. Essa análise é muito pertinente para que refletimos sobre o ser, o cidadão que se rebela quanto a ordem das coisas, se há rebelião não há ordem, se não há ordem não há progresso, e os homens querendo direitos se rebelam e tomam o próprio Estado, uma das grandes contestações ligadas também em muitos dos casos nas províncias era a reforma agrária.

Para o século XIX e XX as condições dos homens do campo eram precárias, e vemos que já no final do século XIX o cangaço e o messianismo começam a se estabelecer também nesses movimentos de contestação contra o Império e Início da República, segundo Rui Facó:

A situação dos pobres do campo no fim do século e mesmo em pleno século XX não se diferenciava daquela de 1856. Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem-terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma "saída" nos grupos de cangaceiros, nas seitas dos "fanáticos", em torno dos beatos e conselheiros, sonhando a conquista de uma vida melhor (FACÓ, 2009, p. 18).

Muitos acontecimentos a relatar, mas muito antes do cangaço, vimos o sangue jorrar no Brasil, todo esse contexto relacionado as formas de rejeição desde a Colônia com o trato com a nossa população, sabemos que todos os proprietários de terras através do patrimonialismo tinham poder e aqueles que ficavam abaixo dessa estratificação social se davam mal, a escravização seria o fator que desencadeou toda essa rebelião no Brasil?

Com certeza que sim, e o que importa nessa análise resumida é compreender o banditismo e o porquê de tanta desigualdade no Brasil? De forma sociológica e antropológica debater essa questão e ver que quando Thomas Hobbes disse que “o homem é o lobo do homem” é que o homem em suas relações de poder e sua sociabilidade, poderá ter em seus contratos, rompimentos, rupturas, em suas ambições de poder gerar guerras, através de seu poder de conhecimento conseguir manipular pessoas e outras formas de coerção.

A desigualdade social que vai em direção ao pobre não pode ser explicada de uma forma em que se culpe esse ser social apenas por uma visão simplista da realidade, senão teríamos que contestar aqueles que estão ao poder e roubam da mesma forma que rouba um pobre. O saque de um cangaço poderia ser legítimo e ser justificado? Não, na verdade de maneira nenhuma. Pois o roubo é um ato condenável do ponto de vista moral e ético. Pode ser muito condenável, pois ele age com violência a vítima e para ser realizado todo tipo de transgressão. Para compreender devemos nos aprofundar nessas questões para chegar as conclusões desses homens na sociedade.

6. A GRANDE SECA DE 1877-1878 E O CANGAÇO COMO AGENTE SUBVERSIVO DA ÉPOCA

Compreende-se que houve uma diáspora muito intensa de processo migratório para uma massa populacional, onde vemos que os nordestinos estavam vivendo em suas regiões momentos de calamidade pública. As estiagens fizeram com que essa massa populacional fosse condicionada a migrarem para as regiões do Norte e no Sudeste do país, sabendo que essas intempéries agravariam tanto pobres quanto ricos.

Logo após a grande seca 1877-1879 veio a queda da Monarquia no Brasil, a República se instala e vemos uma nova classe sendo implementada no Brasil, a dos grandes burgueses, os industriais, onde temerosos os latifundiários viam essa classe

sempre com hostilidade, pois temiam que com esses avanços industriais os feudos brasileiros nesse espaço latifundiário estariam com os dias contados.

Outro fator preponderante foi a abolição da escravatura, os latifundiários receavam perder esses feudos, e os industriais de oposto tinham o progresso em mente, ferrovias, indústrias a todo vapor, modernização da agricultura, braços livres para o trabalho assalariado, mas ainda assim temiam abandonar o regime latifundiário.

Entre latifundiários e burgueses vemos o contraste onde implicaria desigualdades e seria implacável para o banditismo se intensificar em regiões onde esse atraso econômico e o espaço feudal em declínio nos faz compreender essas oscilações no espaço geográfico, político e social do Brasil:

Segundo Rui Facó:

Ocorria precisamente que a débil e retardatária burguesia brasileira, premida de um lado pelos empréstimos da Inglaterra e, de outro, pelo latifúndio semifeudal que não se atrevera a derrocar, via-se condenada à impotência. Mais uma vez predominava, vitorioso, o latifúndio, esmagando toda veleidade de radicalismo burguês. Que restaria, senão a "renúncia" aos ideais "republicanos históricos", e como resultado inevitável o compromisso aberto com os restos feudais? "O País varrerá de si os dogmas franceses... Submerge a República teórica, que não fora exequível, e se impõe a República que podemos ter" — reconhece um historiador objetivo, sem dar, no entanto, o nome aos bois. Deve-se acrescentar que essa "República que podemos ter" era a do compromisso feudal-burguês, com evidente predominância dos latifundiários, depois de Floriano Peixoto — a última tentativa séria e malograda para levar avante as mais radicais aspirações burguesas (FACÓ, 2009, p. 78).

Nessa relação em que o feudo se desestabiliza com a chegada da burguesia no Brasil, o início das indústrias, agora vendo o contexto nordestino e o cangaço onde o Cariri viraria o reduto de cangaceiros, e a instituição do cangaço dá a suas diretrizes e se investe contra a ordem existente e vemos uma transformação que prepara mudanças de caráter social, todo o empreendimento desde séculos da estrutura dos latifúndios que impôs e provocaria o choque de classes nessa estratificação social, traria o atraso econômico e essas lutas armadas e as insurreições que vimos durante esse trabalho.

Aqui vemos que o processo de relação homem, meio e subsistência são inseparáveis e quando um desses fatores falta o ser não consegue se satisfazer e se desestabiliza, o equilíbrio se perde, sente que falta algo, é como perder uma perna, um braço, não conseguir se sustentar ele e sua família é como ser castrado, então esse miserável fadado ao fracasso se rebela, em seu subconsciente ele reage e se revolta e muda de pensamento e começa a ganhar coragem para fazer a mesma coisa que o opressor fez com ele nas relações de poder: a coerção. E nessa coerção como enfatizamos sempre é a função da terra, do meio, a falta de recursos que os faz rebelar onde Rui Facó aborda a forma como o cangaceiro adere a esse caráter social:

O cangaceiro e o fanático eram os pobres do campo que saíam de uma apatia generalizada para as lutas que começavam a adquirir caráter social, lutas, portanto, que deveriam decidir, mais cedo ou mais tarde, de seu próprio destino. Não era ainda uma luta diretamente pela terra, mas era uma luta em função da terra — uma luta contra o domínio do latifúndio semifeudal. Naquele atraso medieval, a reação da classe potencialmente revolucionária — os semi-servos da gleba — é de nível correspondente ao desenvolvimento das forças produtivas: uma reação primária em que o inimigo de classe não é percebido claramente, em que as desgraças parecem cair do céu, como castigos, e é necessário implorar as bênçãos do céu, em que o individualismo campesino prevalece e a solidariedade grupal é bem limitada. Os bandos cangaceiros que saem dentre aqueles semi-servos vivem dispersos, lutam por objetivos isolados e, não raro, enfrentam-se uns aos outros, destroem-se mutuamente. Tornam-se presas de seus próprios inimigos de classe, os grandes proprietários rurais, donos de fazendas de gado ou de lavras de minério (FACÓ, 2009, p. 42).

Lamentavelmente vemos o oprimido virando opressor, onde o bem e o mal estão dentro das relações sociais existentes na sociedade, o ser é mal e bom, as ambições estão relacionadas tanto aqueles que estão em cima da cadeia, como os que estão abaixo, fazemos um papel de nos controlar mediante aos instrumentos burocráticos do poder judiciário, imaginem se não existissem esses instrumentos? Com certeza seríamos mais sagazes e nocivos em nossas subjetividades para lutar e conquistar o meio material, o ponto aqui é compreender que o cangaceiro é um ser social, que tem necessidades, eventualmente não queria estar nessa posição, mas está, às vezes deveria pensar viver de outro modo ou não, compreender a mente do cangaceiro é compreender as desigualdades e a estrutura opressora que o faz ser

maléfico, sendo que sempre procuramos o culpado, e nesse contexto complexo vemos que o Estado tem certa culpa se olharmos desde os tempos remotos da nossa base histórica dos fatos e acontecimentos históricos onde vemos o drama desse Brasil no processo Colonial, Império e República deixando a desejar o controle de um Estado-Nação em suas formas de administração tanto políticas, sociais e econômicas até o final do século XIX.

7.0 CANGAÇO, O CARIRI E OS CORONÉIS

Entende-se que o fenômeno do Cangaço pode ser explicado por várias vias de entendimento acerca desse movimento de homens do campo, como explicado nos capítulos anteriores tudo vem de uma concepção dos momentos históricos vividos na Colônia, Império e República em seu início.

Fora isso sabemos que no Brasil um dos problemas que estão atribuídos de alguma forma do ponto de vista racial e atavismos étnicos de que segundo Euclides da Cunha "o meio físico dos sertões em todo o vasto território que se alonga do Vasa-Barris ao Parnaíba, no ocidente", e ao que chama de "estigmas degenerativos de três raças".

E também, Nina Rodrigues ligaria que "a criminalidade do mestiço brasileiro está ligada às más condições antropológicas da mestiçagem no Brasil". Onde o processo de miscigenação estaria ligado ao fato de que esse processo geraria uma população com declínio ao banditismo, sendo uma raça inferior e incapaz do ponto de vista sociológico e antropológico conseguir se sobressair na estratificação social e conseguir se estabelecer no topo da cadeia nessa pirâmide social. Vemos aqui que segundo Euclides da Cunha e Nina Rodrigues pontos de vista que através das teorias o cangaço estaria ligado a "mestiçagem".

Nas regiões do Nordeste vemos um lugar onde devido as intempéries da natureza, do meio de subsistência e das elites locais dos grandes proprietários de terra, vemos a desigualdade social se expandir nos sertões, onde nas estatísticas é

óbvio que não existiria emprego para todos nas fazendas e isso geraria um desequilíbrio nesse extrato social nos sertões.

Rui Facó relata que:

No Cariri, em certa cidade, há o que se chama feira de trabalhadores. Centenas de homens, reunidos em praça pública, enxada ao ombro, prontos para o trabalho. Chega o fazendeiro, escolhe os mais robustos (é como se escolhesse bois para o corte) e os leva à roça. Os outros, em número de centenas, ficam sem trabalhar, e sem comer, eles, suas mulheres e seus filhos (FACÓ, 2009, p.37).

Dos fatores em um espaço geográfico, em que as condições são precárias tanto do ponto de vista natural, e do ponto de vista social e político, aqui vemos que os proprietários de terra preocupados em escolher apenas os trabalhadores que se enquadrassem nas expectativas de trazer uma produção qualitativa e quantitativa devido a escolha de seu número de trabalhadores, eliminando através da seleção o grupo de trabalhadores que não servissem para o trabalho servil. O que fariam essas pessoas? Com certeza muitas morriam de fome, outras seguiriam o movimento messiânico, e por último virariam cangaceiros.

Os homens excluídos, marginalizados, o opróbrio dos sertões seriam a conclusão lógica e racional de que pela força da vontade ser revoltados, como sem terras, sem moradia própria, e em um tempo onde na mais brutal exploração de seu trabalho nos latifúndios esse homem que em outro tempo era o oprimido vira um opressor em potencial.

Nessa região onde há rebeldes, bandidos e marginalizados pode-se formar bando de cangaceiros e jagunços para os coronéis fazendeiros, veja que nessa estratificação social o ser marginalizado aqui ele vira empregado desse senhor de latifúndio, pode ser jagunço hoje em uma fazenda protegendo esse território, ou depois virar cangaceiro, tudo dependendo de condições monetárias, fatores de subsistência ligados, segurança e proteção.

Os coronéis dessa época do final do século XIX era o mesmo condicionamento desse dono de sesmaria, que protegia sua terra dos indígenas que se rebelavam e dos posseiros, como esses donatários, latifundiários estavam longe

dos litorais, os coronéis eram a “lei” nessas regiões sem contar com a ajuda do Estado, os grandes fazendeiros são a classe dominante naqueles sertões não só representativa, onde tornam-se autônomos, autoridades eles mesmos, absolutas, na sua zona.

Entre poder das elites locais, marginalizados, cangaceiros e jagunços podemos ver nesse contexto o tecido social de forma sucinta sem deixar o objetivo principal de compreender a revolta desse bandido social e trazer os coronéis como o poder centralizador do sertão em suas posses e saber administrar todo esse governo interiorano como chefe de um Estado menor.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que com este trabalho não buscamos somente uma resposta quanto a vida dos bandidos sociais, mas uma historicidade que viesse compreender esse fenômeno em várias perspectivas de um ponto de vista político, social, antropológico, cultural e econômico tanto global quanto regional. Como apontamos condicionantes rurais, onde a proposta era propor o cangaço como fator principal da obra, foi também preciso expressar os processos históricos do Brasil do período Colonial, Império e Início da República até chegarmos no cangaço no final do século XIX.

O artigo buscou expressar do ponto de vista político, sócio e econômico as relações de poder do Estado, os bandidos e coronéis, jagunços e fazendeiros, semi-servos e latifundiários, messiânicos e cangaceiros. Ver que nesse espaço territorial podemos compreender esse tecido social e ver que entre bandidos e coronéis e nesse estado de coerção podemos analisar em outras perspectivas o lado do opressor e do oprimido, a lei e suas imposições sobre a sociedade.

O banditismo social em suas características globais e regionais como o sertão nordestino foram caracterizadas, tentamos mostrar no que tinha de melhor e pior sobre o contexto do cenário político e econômico do sertão, fim do século XIX e vemos

muitos fatores que trouxeram a miséria ao povo com a seca de 1877-1878 em que agravou as famílias no Nordeste.

Primeiramente vimos no primeiro capítulo os Bandidos Sociais, Sociedades com Classes e Estado e as Desigualdades Sociais; em segundo Condicionamentos da Colônia, Império, República e o Banditismo no Brasil no término do século XIX e o Banditismo e seu contexto político no Nordeste Brasileiro no período do século XIX para o XX.

Apoiado sobre os historiadores Eric Hobsbawn (2010), Rui Facó (2009) e Boris Fausto (1995) a compreensão pormenorizada sobre o estudo do Brasil, o banditismo e condicionantes rurais, nos fez compreender esse fenômeno social em suas estruturas no final do século XIX e assim trazer novas abordagens nesse contexto, onde tentamos olhar de uma outra forma as relações entre poder, Estado, coronéis, latifundiários, jagunços, cangaceiros e todo esse conjunto que faz a sociedade em seus conflitos entre o mocinho e o bandido. Quem será o Santo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FACÓ, Rui. Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

FAUSTO, Boris. História do Brasil / Boris Fausto. - 2ª ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995. p. 50.

HOBSBAWM, Eric J. Bandidos. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.